

“Insanas-tísicas”: a história do Pavilhão Nossa Senhora dos Remédios da Colônia Juliano Moreira, Rio de Janeiro, Brasil (1940-1970).

ANNA BEATRIZ DE SÁ ALMEIDA*

ANA CAROLINA DE AZEVEDO GUEDES**

Esta pesquisa se encontra em momento de conclusão e objetiva analisar a história do Pavilhão Nossa Senhora dos Remédios (Pavilhão Remédios), criado na década de 1940, dentro da Colônia Juliano Moreira (CJM), para tratar pacientes mulheres doentes mentais tuberculosas, e que foi desativado ao longo dos anos 1970. A história da saúde pública no Brasil, ao longo deste período, está permeada por profundas mudanças no campo das políticas e das instituições de saúde e, especialmente, em relação à doença mental e à tuberculose, tanto no que se refere às políticas de prevenção e controle, como nas terapêuticas e na percepção social das mesmas. Neste sentido, este trabalho dialoga diretamente com a história da psiquiatria e da fisiologia, visando contribuir para o campo de estudos em história das doenças e da saúde pública no Brasil.

Buscamos ao longo da nossa pesquisa analisar as características da população internada; os tratamentos ofertados tanto em psiquiatria como em tuberculose, as questões de gênero presentes na relação cotidiana das internas e do corpo médico e funcional do Pavilhão, sempre buscando localizar as mudanças ocorridas tanto no nível terapêutico como na questão da relação médico/funcionário e pacientes/familiares. Analisar o cotidiano das internas e da equipe da CJM no interior da instituição é o eixo primordial do nosso trabalho.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho está centrado na análise do discurso e das práticas sociais nas seguintes fontes documentais: fichas de observação, prontuários médicos das mulheres internas na CJM que tenham tido alguma referência à tuberculose em suas fichas ao longo do período de 1940 a 1970 e documentação administrativa da CJM e do Pavilhão Remédios. É importante destacar a importância deste arquivo

* Pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz. Coordenadora do Projeto Memória e História da Psiquiatria e da Tuberculose no Brasil: o Pavilhão Remédios da CJM (1940-1970), COC/Fiocruz. Doutora em História pela UFF. Financiamento Projeto PAPES V Fiocruz.

** Assistente de Pesquisa da Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz, assistente de pesquisa do Projeto Memória e História da Psiquiatria e da Tuberculose no Brasil: o Pavilhão Remédios da CJM (1940-1970), COC/Fiocruz. Graduada em História pela UERJ. Financiamento Projeto CNPq.

documental sob a custódia do Núcleo de Documentação e Pesquisa do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira (IMASJM), Secretária Municipal de Saúde do Rio de Janeiro.

Outro grupo de fontes importante são os periódicos que circulavam nestas décadas, tais como *Boletim da Colônia Juliano Moreira*, *Arquivos do Serviço Nacional de Doenças Mentais*, *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*, *Revista Brasileira de Saúde Mental*, *Revista do Serviço Nacional de Tuberculose*, *Revista Brasileira de Tuberculose e Arquivos de Higiene*, nos quais encontramos relatórios de serviços, artigos médicos, notas de congressos e eventos, entre outras informações relevantes.

O Pavilhão Remédios foi construído no início da década de 1940, inserido no contexto de reorganização do Ministério da Educação e Saúde em 1941, que entre outras medidas, criou os serviços nacionais, dentre os quais o Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM) e o de Tuberculose (SNT). A articulação entre a assistência psiquiátrica e a tuberculose é investigada a partir da história da saúde pública ao longo da década de 1940, em grande medida, marcada pela já referida reorganização do Ministério da Educação e Saúde (Decreto no. 3171 de 02/04/41), a qual, entre outras medidas, criou não apenas os Serviços Nacionais de Doenças Mentais (SNDM) e Tuberculose, mas também os Serviços Nacionais da Lepra, da Febre Amarela, da Peste, de Educação Sanitária, entre outros, assim como as Delegacias Federais de Saúde. Buscava-se implementar uma política nacional de saúde, com serviços de saúde mais abrangentes e neste sentido destaca-se o papel integrador entre os serviços estaduais e nacionais, desempenhado pelas Delegacias Federais de Saúde (FONSECA, 2007).

No tocante à tuberculose, para além da criação do Serviço Nacional de Tuberculose (SNT), é importante destacar a criação, em 1944, da Campanha Nacional contra a Tuberculose (CNCT), bem da descoberta do primeiro medicamento: a estreptomicina. Mas o uso isolado da estreptomicina mostrou que a mesma produzia resistência bacilar e importantes efeitos colaterais e só com a descoberta (1949) do ácido paraminossalicílico (PAS) e o uso da isoniazida (1952), em conjunto com as experiências com associação medicamentosa, é que se efetivou a possibilidade do tratamento eficaz contra a tuberculose (NASCIMENTO, 2000). Tanto a criação da CNCT, como a descoberta dos medicamentos são fatores fundamentais para a análise da criação do Pavilhão Remédios, na década de 1940. A Campanha “promovia e criava

sanatórios e hospitais de tisiologia por todo o país com o objetivo de tratar bem e isolar os doentes evitando a propagação da doença” e o aparecimento das primeiras drogas para o tratamento da doença possibilitaram alterar o padrão de uma doença cuja evolução clínica prolongava-se por muitos anos. (NASCIMENTO, 2002:111). Há referências em relatórios da administração da CJM à aplicação da Vacina BCG entre os internos, expressando outra forma de articulação entre os serviços de doenças mentais e da tuberculose, com a participação da Fundação Ataufo de Paiva, produtora da vacina.

Com relação aos serviços de atendimento aos doentes psiquiátricos, o primeiro diretor do SNDM, Aduino Botelho, publicou no seu relatório de 1941, um painel da assistência psiquiátrica naquele ano que consistia em 35 hospitais públicos e 41 particulares; 8 ligados a entidades filantrópicas, 25 concentrados no Rio de Janeiro e em São Paulo (BOTELHO, 1943). Em 1944, através do Decreto 17.185 que aprovou o regulamento do SNDM cujas funções abrangiam todo o país; sua ação era mais efetiva nos hospitais e colônias do Rio de Janeiro. A gestão de Aduino Botelho (1941- 1953) enfatizou a implantação de hospitais-colônias em várias capitais de Estados, a criação do Centro Psiquiátrico Nacional no Rio de Janeiro (Engenho de Dentro) e o estabelecimento de Serviços de Assistência a Psicopatas nos vários Estados do país. No que se refere aos recursos terapêuticos utilizados ao longo da década de 1940, “a Colônia mantinha como método básico, a praxiterapia, empregando também a convulsoterapia (elétrica e química), o choque insulínico, o eletrônarcose e psicocirurgia”. (VENANCIO & CASSILIA, 2010, p. 73).

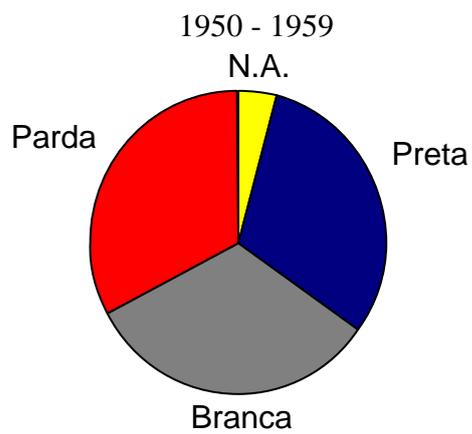
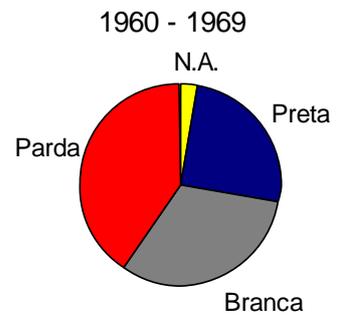
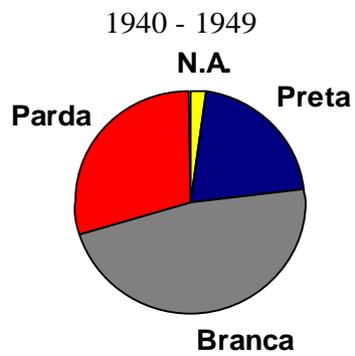
A construção do Pavilhão se deu em área bastante isolada da CJM, contando com varandas e em função da circulação de ventos, seguindo os princípios do conhecimento acerca da doença naquele contexto. Em 1945, os relatórios institucionais fazem referência ao início do funcionamento do Pavilhão Remédios, abrigando em torno de 42 pacientes, mencionando também problemas na sua instalação e a questão da falta de profissionais. O ano de 1946 é crítico para toda a CJM e especificamente com relação ao Pavilhão Remédios, há referência ao atraso na instalação do aparelho de Raio X e novamente à insuficiência de seu corpo técnico, formado por ‘um psiquiatra doublé de tisiólogo’. No relatório referente às atividades de 1946, o diretor da CJM, Dr. Heitor Péres, traça o seguinte retrato dos pavilhões para tuberculosos, o feminino e o masculino:

“(…) São de tipo arquitetônico agradável à vista, vistosos mesmo. Mas apresentam ambos os mesmos defeitos, sendo o principal: impropriedade aos fins a que se destinam, isto é, seriam magníficos para tuberculosos não psicopatas. Não dispõem os quartos de agitados, as instalações são frágeis, há bebedouros sem proteção, torreão e portas cheias de caixilhos de vidro. Falta-lhes o elevador, bem como o serviço indispensável de esterilização; as cercas também são de arame, já esburacadas, carecendo de retificação completa. O pavilhão de homens é mal localizado, situado com o seu grande eixo face ao sul, exposto aos ventos contínuos. A cozinha a lenha, imprópria, e as copas e depósitos de gêneros sem conservação, não havendo lavanderia. Ambos os prédios já merecem reparos e consertos alguns deles bem sérios.” (PERES, 1947)

No ano de 1955, observa-se nos *Arquivos do Serviço Nacional de Doenças Mentais*, um trabalho de reforma no prédio da fisiologia feminino, mas que acaba paralisado por “exigüidade de recursos”. Os documentos administrativos e relatórios apontam que, em 1947, a direção da Colônia procurou tornar a assistência do Pavilhão Remédios mais eficiente, limitando sua lotação e instalando aparelhos receptores de rádio para a distração das pacientes e que a partir de 1948, o Pavilhão passou a contar com um psiquiatra e um fisiologista assistente. Em 1951, seguiram os esforços para melhorias, com obras de adaptação e instalação de elevadores. No início da década de 1970, o Pavilhão Remédios mereceu, mais uma vez, a atenção da direção da Colônia para a manutenção de suas instalações: recuperação total da caldeira, da copa, dos refeitórios e da cozinha. As pacientes ali abrigadas participavam da preparação de festas, das atividades de lavanderia, e de oficinas de costura, bordado, pintura e tapeçaria. Mas a década de 1970 marca um agravamento da deterioração e decadência da estrutura física e do quadro de recursos humanos da CJM e neste contexto, o Pavilhão Remédios foi desativado como espaço terapêutico e suas pacientes foram transferidas para outros núcleos da instituição.

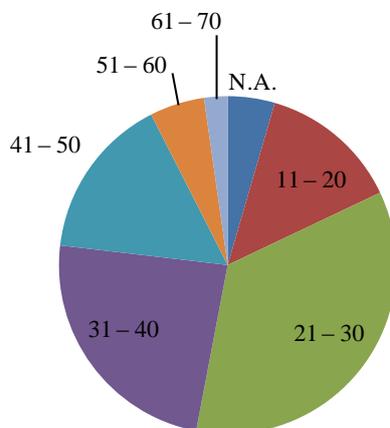
A seguir apresentaremos alguns gráficos com dados das pacientes internas da CJM que tiveram referência à tuberculose nos seus prontuários nas décadas de 1940, 1950 e 1960, destacando os apontamentos referentes à idade quando da internação, ao estado civil e à cor de pele das mesmas.

“Cor” de pele das internas

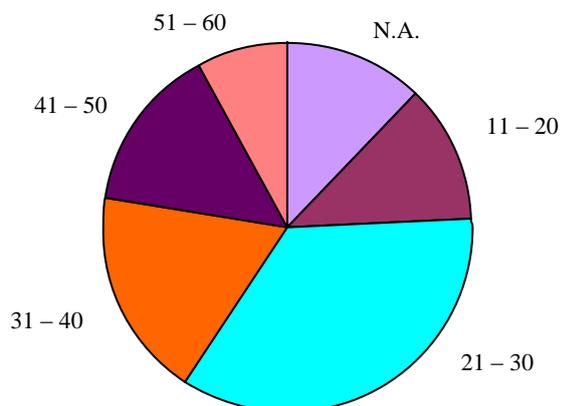


Idade de Ingresso das Internas

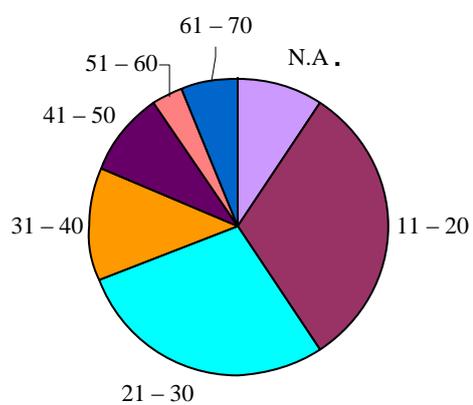
1940 - 1949



1950 - 1959

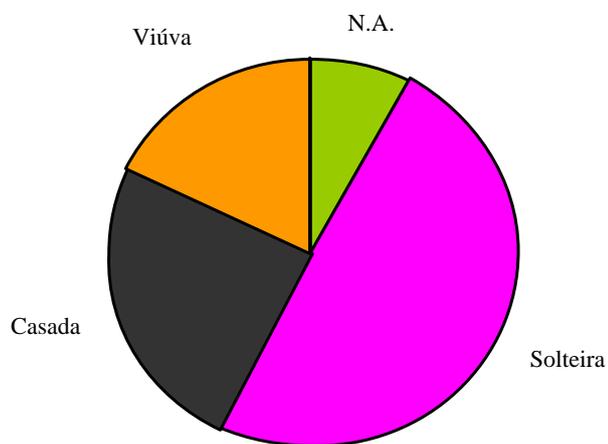


1960 - 1969

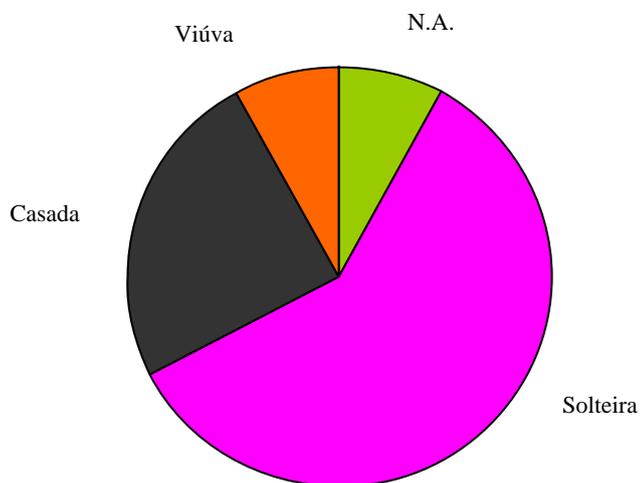


Estado Civil das Pacientes

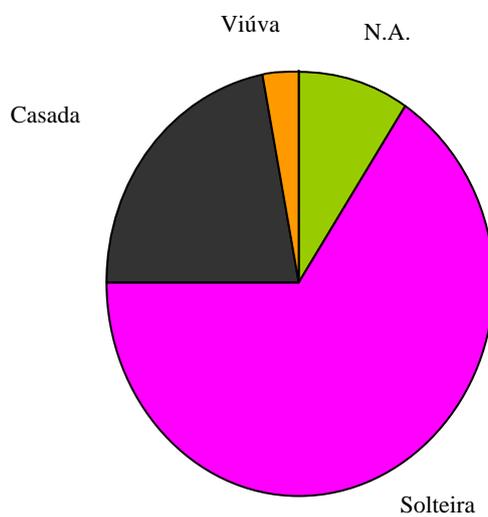
1940 - 1949



1950 - 1959



1960 - 1969



Os dados das fichas ao longo das décadas analisadas apontam para a predominância de pacientes brancas e pardas. Porém, devemos considerar ser a classificação uma denominação subjetiva quanto ao campo “cor” das pacientes, preenchida pelo médico e sendo assim passível de diferentes interpretações, podendo ser a referência parda, tanto qualitativa de pacientes negras quanto de pacientes mestiças. Quanto à idade de ingresso há uma maior incidência de pacientes na faixa dos 21 e 30 anos, sendo as mesmas em sua maioria solteiras. Isto é mulheres em idade fértil, solteiras, mas, que de alguma forma, não se encaixavam no modelo esposa/mãe/do lar, reconstruído ao longo de décadas, com suas diferenças e similitudes ao longo do tempo (FREIRE, 2008).

Resumindo, as internas eram em sua grande maioria, mulheres pobres e com filhos. Entre as casadas, algumas internadas à pedido dos maridos (atitudes violentas ou falhas na função doméstica). Outro aspecto a destacar é que, de forma geral, estas mulheres não possuíam escolaridade e moravam no subúrbio ou áreas mais pobres da cidade. Eram sujeitos São sujeitos que não possuíam um lugar de fala para sua história, em especial por sofrerem com o que chamamos de “triplo estigma”: eram mulheres, “loucas” e tísicas.

Observamos no conjunto da documentação a presença de três falas: a da interna (quando existe uma transcrição feita pelo médico ou em cartas e desenhos), a do médico (através do uso de termos para descrever o comportamento da interna e nas suas observações) e a da família (quando encontramos entrevistas com a família da interna). Por vezes, a fala das internas e de seus familiares estava entremeadada a outras ou simplesmente silenciada.

Referências fontes primárias:

BOTELHO, Adauto. Relatório de Atividades da Colônia Juliano Moreira. Rio de Janeiro, Imprensa Oficial, 1943.

PERES, Heitor. Relatório anual 1947. .Localização: Cx. 915A cód 003. Núcleo de Documentação e Pesquisa do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira, Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura do Rio de Janeiro

Referências bibliográficas

- AMARANTE, Paulo. *Psiquiatria Social e Colônia de Alienados no Brasil (1830-1920)*. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: IMS/UERJ, 1982.
- BERTOLLI FILHO, Cláudio. *História social da tuberculose e do tuberculoso: 1900-1950*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.
- BERTOLLI FILHO, Cláudio. *Prontuários médicos: fonte para o estudo da história social da medicina e da enfermidade*. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*; 3 (1):173-80, mar.-jun.1996.
- COSTA, Jurandir Freire. *História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. Rio de Janeiro: Campus, 1981.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O espelho do mundo – Juquery, a história de um asilo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- DEL PRIORE, Mary. (Org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/USP, 1998.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Dirs.). *História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1991.
- ENGEL, Magali Gouveia. “As fronteiras da anormalidade: psiquiatria e controle social”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, Fiocruz, vol. V. nº 3, nov.1998/fev. pp. 547- 563, 1999.
- _____. *Os Delírios da Razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2001.
- _____. *Sexualidades interditas: loucura e gênero feminino*. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, vol. 15, Suplemento, junho 2008.
- FONSECA, Cristina; Hochman, Gilberto; Trindade, Nísia Lima. *A Saúde na Construção do Estado Nacional no Brasil: Reforma Sanitária em Perspectiva Histórica*. In: Lima, Nísia Trindade; Gerschman, Silvia; Edler, Flávio Coelho; Suárez, Julio Manuel (orgs.) *Saúde e Democracia: História e Perspectivas do SUS*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, p. 27-58, 2005.
- FREIRE, Maria Martha de Luna. “Ser mãe é uma ciência”: mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol.15 (1), pp.153 - 172, jul-out, 2008.
- GOMES, Angela de Castro (coord). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2000.
- GONÇALVEZ, Anna Paula Casassola. *Colônia Juliano Moreira: um estudo sobre as relações do sujeito estigmatizado como ‘louco’ e o espaço urbano*. (Dissertação de Mestrado). Niterói: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, 2007.
- MACIEL, Laurinda Rosa. *A loucura encarcerada - um estudo sobre a criação do Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro (1898-1927)*. Niterói, UFF, Dissertação de mestrado, 1999.
- NASCIMENTO, Dilene R. do *A tuberculose no início do século XX* In: *As Pestes do século XX – tuberculose e aids no Brasil, uma história comparada*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2005.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. Fundação Ataulpho de Paiva: (Liga Brasileira contra a Tuberculose): um século de luta. Rio de Janeiro: Quadratim, 2002.

PORTOCARRERO, Vera. Arquivos da Loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2002.

RODHEN, Fabíola. Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

SMITH, Bonnie G. Gênero e história: Homens, mulheres e a prática histórica. Bauru, SP. EDUSC, 2003.

VENÂNCIO, A.T.A & CASSILIA, J.A. "Política assistencial psiquiátrica e o caso da Colônia Juliano Moreira: exclusão e vida social (1940-1954). In: WADI, Y.M.; SANTOS, N.M.W (orgs) História e Loucura: saberes, práticas e narrativas. Uberlândia, EDUFU, 2010.

VENANCIO, A.T.A. "Ciência psiquiátrica e política assistencial: a criação do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil". História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol.10 (3), pp. 883-900, set-dez, 2003.

VENANCIO, A.T.A. "Ciência psiquiátrica e política assistencial: a criação do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil". História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol.10 (3), pp. 883-900, set-dez, 2003.

WADI, Yonissa Marmitt. A história de Pierina: subjetividade, crime e loucura. Uberlândia: EDUFU, 2009.

_____. Palácio para guardar doidos: uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.